QUANTO É LIVRE A NOSSA VONTADE

Swami Paratpararananda[1]

Editorial da revista *Vedanta Kesari* – julho 1966; Vol. 53[2]

Há uma ideia atual, já há algumas décadas, de que a vontade do homem é irrestrita ou livre. Uma completa negação desta declaração não é possível, nem se pode aceitá-la cegamente como totalmente verdadeira. Por que não podemos afirmar de uma maneira ou de outra? Por que hesitamos em aceitar ou rejeitar esta declaração *in toto*[3]? Iremos examinar essas questões. O que significa 'vontade'? De acordo com o dicionário Oxford [do inglês 'will'] significa 'a faculdade pela qual uma pessoa decide ou concebe a si mesma em decidir ou iniciar uma ação'. Também nos dá o significado de 'livre arbítrio [ou vontade]' como o poder de determinar sua escolha da ação independentemente do ato de causar ou da causa. Os filósofos indianos chamam esta faculdade de decisão em sânscrito de '*buddhi*'. De acordo com eles é uma parte, por assim dizer, do órgão interno (*antahkarana*); *manas* (mente), *citta* (substância mental) e *ahankāra* (o ego) formam as outras partes.

A primeira objeção a se levantar contra a teoria da vontade livre ou livre arbítrio, se aceitarmos as definições acima, é 'como pode um instrumento ser livre?'. Se fosse assim a caneta do escritor, o pincel do artista, o formão do marceneiro, a marreta do ferreiro, etc. fariam o trabalho por si só. Podemos responder que não é o instrumento propriamente que queremos dizer aqui, mas o instrumento ou faculdade que está energizada pela consciência. Neste caso não é a vontade que é livre, mas a pessoa que para muitos é no máximo o ego, o 'eu'. Então surgem as perguntas: É livre o ego? O que é o ego? Estas são perguntas que devem ser respondidas para chegarmos a uma concepção clara

---

[1] Swami Paratpararananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem a Argentina em 1968.

[2] Todos os editoriais originais em inglês, escritos por Swami Paratpararananda estão em: https://estudantedavedanta.net/vkesari.html

[3] Do Latim, 'na totalidade' (nota do tradutor).

do que dizer sobre a vontade. O ego, de acordo com o Advaitin[4], é uma falsa identificação – devido a nesciência ou ignorância – do Ātman ou alma com a ideia de 'eu'. Como pode aquilo que está sob o feitiço da ignorância ser livre? Talvez a pessoa desejando favorecer esta ideia de vontade livre ou livre arbítrio pode não gostar de entrar neste intrincado método de raciocínio. Essa ideia apela para ele. Portanto ele aceita. Mas uma coisa é aceitar uma teoria e outra totalmente diferente é colocá-la em prática na vida do dia a dia. Um homem de vontade livre como definido acima não deve ser dissuadido pelas circunstâncias. Todas suas resoluções devem se tornar verdadeiras e frutíferas ou ele não deveria se preocupar nem se perturbar com os resultados. Mesmo quando os resultados são desfavoráveis, deve ser capaz de recebê-los calmamente. Por acaso um homem, que adere a teoria da vontade livre ou livre arbítrio possui esta tranquilidade? Essa é a questão. Isso é o que ao final conta; para a meta última do homem, para cujo fim são todos seus esforços e lutas durante toda sua vida, é alcançar a tranquilidade, a paz e bem-aventurança. Pergunte a si mesmo: Por que eu quero a liberdade? Porque só nela há paz e felicidade. Na dependência, na escravidão, muitas coisas lhe obrigam a atuar e agir contra seus desejos apesar de si mesmo; você é inibido pelas circunstâncias e guiado pelas tendências herdadas e situações criadas.

Como então alguém pode ser livre? Não precisamos ir muito longe para testar esta liberdade. Tente quebrar um mau hábito ou cultivar um novo hábito e você descobrirá a diferença. Fazemos boas resoluções pela manhã, mas até de noite, carregadas pela corrente dos hábitos, elas desaparecem e isto acontece dia após dia, mês após mês, ano após ano e mesmo assim não conseguimos levar as resoluções à prática. É essa uma indicação de uma vontade livre [livre arbítrio]? Portanto é evidente que a vontade, com o que quer que se identifique, não é tão livre quanto pensamos.

Ainda assim, esta ideia tem sido colocada na mente do homem como um incentivo para a ação. Se este incentivo não existisse, se tudo fosse automático, não haveria evolução do homem; talvez hoje seria tão primitivo em seus hábitos, costumes, moralidade e religião como o homem da era paleolítica, vivendo em cavernas e agindo pelas paixões como os animais. O homem é como é, pois pode lutar contra a natureza externa e interna, ele tem essa liberdade. Sri Ramakrishna falando do livre arbítrio diz, 'Foi Deus que plantou na mente do homem o que os ingleses chamam de 'livre arbítrio' [vontade livre]. As pessoas que não realizaram a Deus teriam se engajado em mais e mais ações más se Deus não tivesse plantado nelas a noção do livre

[4] Seguidor do caminho do conhecimento ou monista (nota do tradutor).

arbítrio. O pecado cresceria se Deus não fizesse com que o pecador sentisse que é apenas ele o responsável pelo seu pecado.' Nós teríamos descoberto que as leis da terra não teriam significado se todos não fossem responsáveis por suas ações. Não haveriam regras saudáveis. Teria sido um pandemônio, um caos. Isso é o que acontece com as pessoas que têm o entendimento pervertido da teoria do Karma. Vencidas por *tamas*, inércia, não têm o desejo de agir e atribuem tudo ao Karma. Mas pergunte a elas o que sabem sobre a teoria, que é muito difamada pelos tolos ou pelos que não a compreendem e você descobrirá que ou eles não sabem sobre isso ou apenas dirão que é o resultado das ações em vidas passadas. Não param para considerar sobre quem fez as ações no passado cujos resultados estão colhendo agora. Todos colhem os resultados de suas próprias ações e não de outros. A justiça pode ser levada a erro num tribunal onde o juiz deve considerar as evidências colocadas diante dele, mas diante de Deus que é a testemunha de todas nossas ações, toda evidência é auto revelada e não poderá haver injustiça. Somente os fracos e ignorantes não querem seguir nesta linha de raciocínio. Então eles serão naturalmente confrontados com a pergunta: Se as ações passadas produziram os resultados atuais, por que não mudar o padrão de nossas ações para moldar nossas vidas futuras? Talvez esses pensamentos sejam demais para os inertes, pois são argumentos lógicos e convincentes e naturalmente os rebaixariam aos seus olhos se após chegarem a essa conclusão permanecessem indolentes.

II

De onde surgiu esta ideia de liberdade? Sabemos que há algumas noções que são fundamentais ao homem que são, vida eterna, felicidade imaculada e liberdade ilimitada. O Advaitin diz que essas são da natureza da essência do homem, do Ātman. Por isso não é possível para ele esquecer sua natureza, por mais que seja sufocado pela ignorância, por mais impedido que seja pelos seus adjuntos limitadores. Da mesma forma que um homem que teve um sonho assustador, mesmo após acordar continua num estado de medo por algum tempo mais, assim também a natureza interna do homem apesar de coberta por pesadas incrustações persiste em afirmar-se de algum modo. A noção de livre arbítrio é dessa maneira.

A pergunta que enfrentamos agora é: Por que aquilo que é livre não necessita ser chamado de livre? Não vamos confundir uma coisa com outra. É um fato que o Ātman é livre, mas não no estado ao identificar-se com o corpo. O Ātman não tem ação a fazer, nada a alcançar. O que tem que obter aquele

que é eterno, puro, iluminado e livre por sua própria natureza? Nada. Enquanto que a ação é para um propósito, satisfazer um desejo ou cumpri-lo. É claro que temos que fazer exceções para as Encarnações [divinas] e seus apóstolos. Eles vêm para redimir a humanidade, para mostrar-nos o caminho; eles não têm um propósito próprio para alcançar. Sri Krishna diz no Gita: "Eu não tenho nenhum dever a cumprir nos três mundos, nem algo a alcançar que não tenha alcançado, mas mesmo assim me envolvo na ação."[5] Outros são movidos a atuar por algum motivo, seja elevado ou baixo. Os motivos elevados tais como a realização de Deus, alcançar *bhakti* são bons e não prendem o homem, não o fazem dar voltas através do ciclo de nascimentos e mortes. Ele torna-se mais e mais livre enquanto fortalece este motivo. Os motivos baixos que em sua maioria são egoistas e relativos à satisfação dos desejos do corpo e da mente não nos liberam. Pelo contrário, eles pregam mais um prego no caixão de nossa escravidão. Assim vemos que o envolver-se em ação mostra um estado de imperfeição. Como então pode haver perfeição em um estado imperfeito? Não é possível e aí nós tropeçamos – tentar ver perfeição no imperfeito; ou melhor, ver o imperfeito como perfeito. E quando soubermos que o que consideramos como nosso ser, não é o Ser, mas o não-ser, não será correto chamá-lo livre. Mas esse conhecimento discriminativo vem mais tarde, na realização de Deus ou Ātman. Até lá este erro permanecerá. No início, apenas temos que saber que a vontade não é inteiramente livre apesar de que a aparência de liberdade está lá. Sri Ramakrishna explicou esta ideia em sua maravilhosa maneira. Dá o exemplo de uma vaca amarrada a uma estaca por uma corda. A vaca pode se mover livremente dentro da área descrita pelo círculo com a corda como raio e não mais do que isso. Se o dono da vaca quiser pode aumentar o comprimento da corda e permitir mais espaço para a vaca se mover e pastar. A vaca pode pensar que está livre, mas quando quer ir além do comprimento da corda sentirá o puxão da corda ao redor de seu pescoço. A vontade do homem também é assim. Foi dado a ele uma liberdade dentro de certos limites, além dos quais não pode ir. Um herói como Arjuna pergunta a Sri Krishna, "Pelo quê o homem é induzido a fazer más ações, mesmo não querendo, como que forçado?"[6] Responde Sri Krishna, "Este desejo, esta raiva, nascida de *rajas* é um grande destruidor e pecador; saiba que é seu inimigo aqui."[7] Portanto onde está o livre arbítrio quando somos facilmente motivados e movidos pelos desejos e agitados pelas paixões? Chegamos a saber de nossas limitações

[5] Bhagavad Gita, 3,22.
[6] B.G., 3.36.
[7] B.G., 3.37.

somente quando as tempestades dos fracassos sacudirem nosso barco da vida no oceano de *samsāra*[8]. Um jovem, cheio de saúde, riqueza e poder não realiza isso. Pensa que é supremo. Mesmo pessoas mais velhas que não tiveram que enfrentar grandes calamidades não o compreenderão. Mas chega um tempo quando todos têm que enfrentar a vida como ela é e não como um sonho dourado. Os espinhos na rosa o picarão e abrirão seus olhos para a realidade. Somente uma vontade é livre e esta é a vontade do Supremo. Aquele que se submete a Sua vontade passa suavemente por todas as tempestades e estresse.

III

Como unir-se com a vontade do Criador? Há uma estória de um *Yogi* que estava parado as margens do mar. Uma tempestade começou e ele viu um barco pego por ela e ser jogado sem misericórdia para todos os lados. O *Yogi* tinha adquirido alguns poderes. Podia controlar até mesmo os elementos da natureza. Devido a compaixão [pelos que estavam no barco] ele exclamou, 'Que a tormenta passe!' e suas palavras se cumpriram. Mas como o vento parou subitamente, o barco virou matando todos que estavam a bordo. Isto mostra que a vontade do homem não distingue a tudo. Não pode olhar além das aparências e então falha e faz julgamentos errôneos. Por isso é muito necessário que tentemos sintonizar nossa vontade com a vontade de Deus. Há uma bela parábola de Sri Ramakrishna que ilustra essa atitude. Havia um tecelão que era um devoto de Deus que fazia tudo que se esperava dele na sua etapa de vida, mas jamais se esquecia de Deus. Mesmo em suas transações comerciais via a vontade de Rama, sua Divindade escolhida. Era honesto e por isso quando as pessoas vinham comprar com ele, costumava dizer, 'Pela vontade de Rama, o valor da linha é tanto, pela vontade de Rama o custo do trabalho é tanto e pela vontade de Rama o lucro é tanto e o preço é tanto'. As pessoas da aldeia gostavam e confiavam nele. Uma noite, contudo, quando ele não conseguia dormir e estava sentado em seu oratório pensando no Senhor, alguns ladrões que tinham intenções criminosas o forçaram para que os acompanhassem. Eles assaltaram uma casa e colocaram os objetos roubados na cabeça do tecelão para que os carregasse e o levaram. Neste momento a polícia chegou e os ladrões fugiram. O tecelão foi preso e colocado na cadeia. No dia seguinte ele foi levado à presença do magistrado. As pessoas da aldeia que se juntaram no tribunal ficaram espantadas em ver o tecelão ali. Eles disseram ao magistrado que o tecelão jamais poderia ter roubado as joias. O

[8] O ciclo dos seres humanos em nascer, morrer e voltar a nascer, contínuo e quase interminável [nota do tradutor].

magistrado então perguntou ao tecelão que desse seu depoimento sobre o que tinha acontecido.

O tecelão disse, 'Excelência, pela vontade de Rama eu terminei minha refeição à noite. Então pela vontade de Rama eu estava sentado no oratório. Já era tarde da noite, pela vontade de Rama. Pela vontade de Rama eu estava pensando em Deus e cantando Seu nome e Suas glórias, quando pela vontade de Rama um bando de ladrões passava pela rua. Pela vontade de Rama me levaram com eles; pela vontade de Rama cometeram um assalto em uma casa, pela vontade de Rama colocaram uma carga sobre minha cabeça. Neste momento, pela vontade de Rama a polícia chegou e pela vontade de Rama eu fui levado preso. Pela vontade de Rama me prenderam por uma noite e pela manhã, pela vontade de Rama fui trazido à presença de sua excelência.' O magistrado percebeu que o tecelão era um homem piedoso e ordenou sua libertação. Em seu caminho para casa o tecelão disse aos seus amigos, 'Pela vontade de Rama eu fui libertado.'

Mas esse tipo de entrega à vontade do Senhor é obtido após longa e sincera prática, vivendo uma vida pura e abnegada. Emprestando uma expressão dita por Sri Ramakrishna, não deve haver nenhum 'roubo na câmara do coração' dessa pessoa. A mente e a fala devem ser uma só. Essa pessoa é chamada uma grande alma, um *mahatma*. Um verso sânscrito o descreve assim, 'Igual em pensamento, palavra e ação'. Se tentarmos seguir esse princípio, gradualmente nos libertaremos do nosso ego e seremos capazes de nos entregarmos à vontade de Deus.

Qual a utilidade desta entrega? Não se parece com a escravidão? Usamos sem hesitar a palavra escravidão quando se relaciona com a defesa de nosso ego, mas quando se trata de nossa prosperidade material estamos prontos a sofrer qualquer humilhação. E o que ganhamos com isto? Inquietação e desejo por cada vez mais, enquanto que a entrega a Deus nos trará paz. Nada perturba uma pessoa que se entregou a vontade de Deus. Ele se curva a vontade do Senhor com calma e isso **não porque é inevitável, mas com alegria, sabendo que nisso apenas se encontra a bem-aventurança de sua vida.** Sri Ramakrishna costumava dizer, "Você não se preocupa, quando confia num bom homem". E quem pode ser melhor que Deus? Enquanto pensarmos em nós mesmos como entidades separadas possuindo nossas vontades separadas, estaremos pensando em nossos deveres a cumprir, desejos a satisfazer, ambições a alcançar e a ideia de confiar em outro, por melhor que seja, não surgirá em nossas mentes. E enquanto estas ideias permanecerem seremos obrigados a buscar nossos próprios interesses egoistas que entrarão em conflito mutualmente. Portanto as vontades com ambições

mundanas não podem ser livres pois limitariam uma a outra. A menos que as correntes de pensamento fluam em uma direção, na direção de Deus não poderia existir a união de nossa vontade com a divina vontade e como dito antes, sem alcançar a identificação de nossa vontade com a de Deus, sempre haverá tumulto e conflitos tornando a vontade cada vez mais sujeita a restrição. Vamos tentar cultivar confiança em Deus, sem afrouxar nossos esforços rumo a realização, pois todos os mestres espirituais têm mostrado que a graça de Deus é o fator mais potente e essencial no progresso e realização da meta da vida, a Liberação.

● ● ● ● ●

Este texto foi traduzido do original em inglês por um estudante da Vedanta e dos ensinamentos de Sri Ramakrishna e Swami Vivekananda.